
EM AGOSTO DO 36, DO ESCRITOR GALEGO XOSÉ FERNÁNDES FERREIRO, UM RELATO DE MEDO, SADISMO, VIOLÊNCIA.

In August of 36 a report of fear, sadism, violence. By the galician writer, Xosé Fernánides Ferreiro.

Delia Cambeiro ¹

RESUMO: Nos séculos XIX e XX, a língua, a literatura e a cultura galegas - após um declínio em tempos escuros - retomaram a antiga importância da Idade Média. Para que tal renascimento - ou “*rexurdimento*” - acontecesse, muitos foram os obreiros dessa construção que se estende, em verdade, pelo século XXI. Dentre eles, destacamos Xosé Fernánides Ferreiro um escritor, que, com *Agosto do 36* - um romance sobre a Guerra Civil Espanhola - enriqueceu o revigoramento da literatura, da língua e da cultura galegas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura galega; Memória da Guerra Civil Espanhola; “*Paseo*” e execução.

ABSTRACT: In the 19th and 20th centuries, after a decline in the dark ages, the galician language, literature and culture took up the same importance as it had in the Middle Ages. For the rebirth of the language to happen, “*rexurdimento*” in Galician language, many collaborators were needed to immerse themselves in it for the language to progress into the 21st century. Among those collaborators, we highlight Xosé Fernánides Ferreiro, a writer, who through *August 36* (a novel about the Spanish Civil War) enriched the reinvigoration of Galician literature, language and culture.

KEYWORDS: Galician literature; Memory of the Spanish Civil War; “*paseo*” and execution.

EM BUSCA DA VOZ DE MNEMOSINE

Para o título desta primeira parte, inspirou-nos Jacques Le Goff, ao apontar que “Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, introduz-nos mistérios do além” (LE GOFF, 1984, p.21). Xosé Fernández Ferreiro (1931-2015) transitou não em territórios do além, seu caminho foi no passado das terras da Galiza. Ele deixou seu nome ligado a um grupo de escritores que, produzindo em língua galega, protegem-na e, de certa forma, escudam-na da forte influência do espanhol. Aliás, muito se tem escrito na ilustre “língua nai” -

¹ Pós-doutora em Literatura Comparada - IL/UERJ

língua mãe - na Galiza, esta província autônoma a noroeste da Espanha. E muitos são os autores a se juntar a Fernández Ferreiro no empenho de defender a permanência do galego, que, sabemos, teve importância surpreendente com a lírica amorosa na Idade Média, constituindo-se veículo de uma cultura literária influenciadora das cortes de uma Europa culta. Após anos de glórias, mudanças políticas velaram, por bom tempo, o destino natural do idioma, que, apesar de pressões, desenvolveu-se como língua de comunicação oral, continua sendo honrada, desde há alguns anos, por vários escritores, filólogos, gramáticos. Assinalamos que nosso trabalho não se propõe discutir a história da língua galega, mas examinar e refletir sobre uma obra em galego, *Agosto do 36*, de Fernández Ferreiro, nome pertencente, dentre vários outros, ao que nós costumamos denominar, em nossos estudos, núcleo de resistência da cultura linguística e literária galegas. Nascido em Nogueira de Ramuín, viveu em Madrid como jornalista, foi membro do grupo literário nacionalista galego Brais Pinto. Ao voltar à Galiza foi jornalista em *La Voz de Galicia*, *Faro de Vigo*, *Correo Gallego*, eleito para a Real Academia Galega e recebeu os Prêmios: Brais Pinto, Galicia de Xornalismo, Edicións Xerais de Galicia, Antón Losada Diéguez, Asociación de Escritores en Lingua Galega. Além de *Agosto do 36*, é autor de *Os últimos fuxidos*, *A ceo aberto*, *O atentado*, *Corrupción e morte de Brigitte Bardot*, *A fraga dos paxaros salvaxes*, *Tempo de centeo*, *Co medo nas mans*, *Morrer en Castrelo do Miño e outros*. Assinalamos que *Agosto do 36*, *Os últimos fuxidos* e *Tempo de centeo* formam uma espécie de trilogia sobre a Guerra Civil, entretanto, alguns de seus outros títulos são sobre o meio rural galego, sobre a vida, os problemas e prazeres da vida no campo. O escritor presenteou-nos, ainda, com um livro póstumo, *Ulcis*, a ser publicado em 2017.

Fernández Ferreiro se destacou pelo empenho em defender a língua e a literatura galegas, através de uma escrita direta, mais cotidiana, no desejo de tentar formar mais e mais leitores em galego. Em verdade, com a morte de uns escritores e o exílio de outros, após o período franquista, as letras galegas precisaram recuperar o silêncio dos que se exilaram e o dos que ficaram escondidos na sua própria terra. Conforme assinala Carlos Bernárdez, Fernández Ferreiro participou da tendência do “Realismo sociolóxico, do que participan algúns dos autores que van protagonizar o cambio de rumbo de nossa narrativa dos anos 80. [...] Xosé Fernández Ferreiro pertence biograficamente á xeración dos anos 50 e desprega unha notábel actividade cultural e poética dentro do grupo Brais Pinto”. (BERNARDEZ, 2001, p. 382). Como muito bem observam A.G. Sánchez e M. Q. Zas a obra aqui estudada se insere como “narrativa relacionada coa guerra civil. [...] o tema [...] seguirá inspirando personaxes e discursos máis ou menos complexos até nosos días”. (SÁNCHEZ; ZAS; 2001, p. 340-341).

Advertimos, primeiramente, sobre o fato de que não tencionamos fazer - nem seria possível - um exame exaustivo do romance; assim, partiremos de estudos do texto e de especular a respeito da ficcionalização da guerra na literatura galega. Em segundo lugar, esclarecemos que, por abordar a instalação do fascismo na Espanha, *Agosto do 36* não é considerado pelo próprio autor um romance político, mas, sobre a guerra. A obra se nos apresenta, sim, e não pode ser negado, dentro “da relação entre a política e a literatura” (HOWE, 1998, p.4), porém, nele já depreendemos ser “um romance que permita essa pressuposição sem que com isso sofra qualquer distorção radical e que em decorrência propicie [...] algum lucro analítico (HOWE, 1998, p.5).

No presente ensaio, então, dentro do universo temático da Revista e das chaves semânticas da obra, apresentaremos os primeiros resultados de leituras do romance com o objetivo de explorarmos o texto de *Agosto do 36*, que apreende e ficcionaliza relatos de acontecimentos reais durante a ação do fascismo na Espanha, em particular, as repercussões das lutas ideológicas e o comportamento de sequazes do regime então instalado. Com o auxílio de personagens falangistas, que empreendiam sádicas perseguições e torturas, a obra manifesta ficcionalmente os ecos da Guerra Civil Espanhola, ao narrá-los com o amparo do testemunho da história oral conservada, contada e recontada por famílias que presenciaram, viveram ou sofreram torturas e execuções. Apesar de diversos autores galegos não terem vivido diretamente o que se passara, tais fatos permaneceram ligados por um fio de Mnemósine, foram tecidos e transmitidos às novas gerações do pós-guerra por obras que marcaram a presença e a importância da literatura galega. Tais gerações de escritores, conscientizadas do que acontecera, pela força da deusa grega da memória, incumbir-se-iam de resguardar e auxiliar na transmissão daqueles acontecimentos. Quanto ao autor indicado nesse estudo, as situações traumáticas acontecidas tiveram papel evocador de um lastro memorialístico propiciador do romance em tela e, sem dúvida, vem a ser - assim o consideramos em nossos pressupostos iniciais - um desses inegáveis lugares da memória galega.

Na sinuosidade formada nos campos da história e da memória de cunho familiar e coletivo, ao lermos *Agosto do 36*, encontramos um rastro a tramitar do campo social ao individual, como uma espécie de ressonância ou mesmo de um linha condutora, que completa o literário na passagem do campo social e coletivo ao mundo individual. Explicaríamos tal passagem com a experiência humana vivida em tempos de chumbo da Guerra Civil Espanhola e que ficou guardada dentro do núcleo familiar. Um tempo marcado por tal constrangimento desempenhou papel conservador das vozes coletivas, o que levaria vários autores à criação literária - e nos referimos àquelas escritas em galego, especialmente, às narrativas.

De fato, é indiscutível ser o romance de Fernández Ferreiro um dos “lugares da memória” e, aqui, apropriamo-nos da expressão famosa cunhada em obra importante dirigida por Pierre Nora. Entendemos, ao nos referirmos a “lugares da memória”, que *Agosto do 36* guarda um conjunto de referências culturais oriundas de um passado comum e aí estão lugares, práticas e manifestações que revelam, sim, fatos pretéritos, portanto, capazes de suscitar emoção e tornarem-se, de tal forma, memória viva, lugares da/de memória.

Quanto à ligação do romance com fatos reais, Fernández Ferreiro esclarece a Montse Dopico que:

En realidade, a min o que me interesa é a ficción, e non a historia, [...]. Non me gusta ter que investigar moito. Eu o que fago é inventar, porque son escritor e non historiador. *Agosto do 36* é unha novela sobre a guerra, e non unha novela histórica. Parte dun feito que me contaron cando era rapaz. E, claro, eu vivín o que conto nas novelas. Lembro os falanxistas armados, o ambiente de medo, a tensión que había, a impotencia... O que invento está baseado na realidade, pero é ficción [...]. (DOPICO, 2013).

O tempo da ficção é o da clandestinidade, da fuga, já é também o do retorno de escapados dos “paseos”, dos fuzilamentos e que se reaninharam dentro do núcleo familiar, quando se transformaram em verdadeiros “passeurs” de memória, condutores de farta matéria a ser explorada pela ficção. Toda a gama de desequilíbrios - social, moral, ético, político, humano, enfim - resultantes da Guerra Civil se afigurava como uma grande chaga que necessitava eternizar-se na literatura. E não deixamos escapar um detalhe: foi, certamente, devido a prováveis fugidos do “maquis” e graças a cidadãos convocados à luta - porém, por motivo de um sentimento particular, de convicção ideológica, retornaram a seu mundo familiar - que aconteceram compartilhamentos de múltiplas experiências vividas em comum no front. Este seria um fator formador do lastro de narrativas, mais tarde passadas ao escritor, apenas com cinco anos, quando estourou a guerra.

Quanto ao registro de testemunhos, Beatriz Sarlo nos orienta no sentido de que a “narração inscreve a experiência numa temporalidade, que não é a de seu acontecer [...] mas a de sua lembrança. A narração funda uma temporalidade, que a cada repetição [...] torna a se atualizar” (SARLO, 2007, p.25). Sarlo afirma ser impossível lembrar fatos que não foram experimentados pelo sujeito. No caso de *Agosto do 36*, fatos não experimentados pessoalmente “[...] só são lembrados porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, política e familiar [...]” (SARLO, 2007, p.90”).

Recorremos também à visão crítica de Maud Joly (2008, *passim*) e entendemos ser por tal detalhe que fluiria a recuperação de instantes críticos, pois a consciência do elo familiar agiria como um auxiliar, um detonador do tema da guerra como fermento da matéria literária. De fato, este seria o dispositivo capaz de dar voz aos acontecimentos, de dar garantia e penhora, de atuar eficazmente no objetivo de se narrar algo quase impensável como a guerra. Segundo Joly,

[...] la mémoire des vaincu(e)s s'est construite et s'est inscrite par écrit parce que des hommes e des femmes, des passeurs de mémoire, ont eu conscience pour d'autres de l'importance de traduire la mémoire d'un groupe et d'en laisser des traces indélébiles. aujourd'hui, ces passeurs de mémoire continuent de jouer un rôle fondamental, notamment au travers du travail de récupération de la mémoire orale. [...] Le témoin (ou son traducteur) a la charge d'incarner, de rendre possible le partage d'expériences. Il est considéré comme le premier instituteur de la vérité. (JOLY, 2008)

Através da linguagem criativa, Fernández Ferreiro deixou a seus leitores o inimaginável; forjou, em seu *Agosto do 36*, uma realidade como a guerra, difícil de ser concebida por quem dela não participou. Segundo o autor, entretanto, falta ainda por escrever a grande novela do urbano, do rural e da emigração. Quanto aos fatos - apesar de criança, quando a guerra explodiu - aquilo marcou-lhe muito, assegura o romancista, que abordaria em *A ceo aberto*, de 1981, a miséria e a fome do pós-guerra.

Ainda com o auxílio de Joly, indagariamos: até que ponto um fato de tamanha envergadura, como a Guerra Civil, pode ser narrado? Como é possível elaborar-se, apropriar-se, artisticamente, de tão tortuosa matéria e, ao mesmo tempo, afastar-se do discurso oficial sobre o tema, através da linguagem. Como será contar-se algo desse peso, se o escritor não fora atuante nem testemunhara os acontecimentos? Tudo ficaria enterrado? Quem nos responde - por meio de questões - é Emile Cioran, em *O livro das ilusões* (2014, p.178): “É possível que tantas tristezas anônimas tenham desaparecido sem deixar rastro, como se fossem pó ou fumaça?”. (CIORAN, 2014, p.178). Respondemos que não, pois, a imaginação é, radicalmente, o próprio da literatura. Daí o escritor gerar tramas ligadas ao que por ele não fora jamais presenciado. Só o labor da invenção e, no caso de *Agosto do 36*, só mesmo um texto condimentado, enriquecido por testemunhos de amigos, familiares, vizinhos, poderia fomentar, levantar o pó e a fumaça de que fala Cioran, gerar linhas de força na arte literária. Dizemos “condimentado” ao lembrarmos de Jerusalém libertada, de Torquato Tasso. No

Proêmio de sua obra em versos, assim lemos na terceira oitava, e aqui aprendemos ser a invenção poética “o verdadeiro condimento (o verdadeiro enriquecimento) em doces versos”, que, traduzimos, segundo o original: “il vero condito in molli versi” (TASSO, 1998, p.113). A realidade se manifesta na arte, seja qual for a natureza dessa realidade: também a guerra e suas carnificinas passam a ser matéria literária, quando enriquecidas, condimentadas pela palavra poética.

Confessamos, neste passo do ensaio, nosso grande interesse e predileção por autores de língua galega, cujos títulos sejam sobre a Guerra Civil, mas que “[n]ão são obras nostálgicas para [...] chorar o passado, ao contrário, escolhem [...] o objeto a ser representado” (ROJO, 2010, p. 239). E sobre o tema vamos ao livro *Lembrar escrever esquecer*, de Jeanne Marie Gagnebin, de onde retiramos apoio crítico para dar continuidade a nosso trabalho sobre violência, perseguição e execuções ocorridas durante o conflito da Guerra Civil. Com o cuidado de não “forçarmos a mão” no clima já bastante trágico que tal tipo de narrativa nos suscita, ouvimos as orientações da autora a nos apoiar na preocupação de afirmarmos não se tratar aqui de celebração piedosa das vítimas da Guerra Civil, apesar de nosso repúdio aos horrores que aconteceram, materializados em torturas, em execuções sumárias de civis desarmados. Apontamos, sim, para uma lembrança gerada pela palavra, isto é, por uma memória ativa, que revigora o presente, quando aquele tempo é lembrado para que nunca mais seja repetido. O texto de Gagnebin veio em nosso auxílio, também, nas questões que anteriormente formulamos: como pensar o horror irrepresentável que escapa à linguagem ordinária, a nossas descrições quotidianas e a deduções dominadas pelo excesso de emoção? Estas são estreitas relações entre ética e estética, mais precisamente entre “estética e memória do sofrimento” (GAGNEBIN, 2006, p.60); assim, uma possível resposta seria a postura crítica do escritor e do leitor, na articulação do que se passou historicamente e está representado no espaço simbólico do romance.

Gagnebin cita uma das famosas teses de Walter Benjamin, “Sobre o conceito da história”, em que o filósofo nos ensina que: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo, tal como ele precisamente foi. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” (KOTHE, 1985, p. 156). As palavras de Benjamin nos auxiliam na apreensão de *Agosto do 36*, um romance em que o passado ficou marcado por uma situação extremada, em que “cintilavam instantes de perigo”. A lembrança do que acontecera e suas marcas na memória, aliadas à linguagem criativa, consolidam a obra de Fernández Ferreiro e, em nosso entendimento - no que toca às vítimas, em especial - “procuram manter juntas a presença do ausente e a ausência da presença” (GAGNEBIN, 2006, p.44). Por isso, escolhemos esse

autor galego que apreendeu rastros daquele momento. Ainda Gagnebin nos orienta sobre o que denominamos “rastros”, ao indagar:

Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem - o conceito - de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro. (GAGNEBIN, 2006, p.44).

Sem dúvida, como nos ensina Benjamin, no campo da literatura “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo, `tal como ele precisamente foi” e, assim, também pontua Mario Vargas Llosa, em *A verdade das mentiras*:

A recomposição do passado que acontece na literatura é quase sempre falaz. A verdade literária é uma, e outra a verdade histórica. Mas, mesmo que esteja repleta de mentiras - ou melhor, por isso mesmo - a literatura conta uma história que a história, escrita pelos historiadores, não sabe nem pode contar. “As coisas não são como as vemos, mas como as recordamos”, escreveu Valle-Inclán [...]. Para quase todos os escritores, a memória é o ponto de partida da fantasia, o trampolim que impulsiona a imaginação em seu vôo imprevisível até a ficção. [...] Porque nos enganos da literatura não há nenhum engano. (VARGAS LLOSA, 2007, p.19-20).

Ao final desse breve item, apresentaremos, para melhor entendimento da obra, a trama do romance, para, em seguida, na segunda parte, desenvolvermos observações provenientes de nossas leituras do romance de Fernández Ferreiro.

Em *Agosto do 36* - Prêmio Xerais de 1991 - Fernández Ferreiro elabora o tema da Guerra Civil na Galiza, relatando, a partir de um fato real, o “paseo”, do qual fora vítima a professora Sara, mulher de Gregorio, ambos professores do meio rural. Esclarecemos, também, que “paseo” representava o deslocamento de um preso - em geral à noite - até o local de execução, onde aconteceria, ironicamente, o último passeio.

O romance leva o leitor ao início do levante, quando os falangistas se permitiam ter a missão de limpar a Espanha de grupos ou indivíduos isolados

contrários ao movimento. Ao se introduzir nas situações vividas à época e nos métodos de higiene radical por eles empregados, a obra narra um fato em meio a muitos outros que, certamente, devem ter ocorrido pelas aldeias, porém, não foram registrados. O romance assinala o ódio do falangista Manuel, o Garabis, pelo professor Gregório, o Xirandón, pois, tempos atrás, os dois tiveram um problema com relação à professora Sara, que preferira unir-se ao professor. A verdade é que Manuel criou a fantasia de Sara ser sua noiva, pelo simples fato de acompanhá-la às festas da aldeia, de saírem a passeio com amigos.

Ao longo da narrativa, vai-se articulando a vingança que o sequaz do movimento quer levar a cabo, não apenas por Gregório ser de ideologia diversa, ser antifascista; a verdadeira causa era o rancor pessoal contra o marido de Sara. As atrocidades ruminadas e efetuadas contra ela tomam a forma de violentos ataques físicos e psicológicos, a fim de maltratá-la, de humilhá-la ferozmente e, ao final, de assassinar aquela por quem ainda estava apaixonado. Sara configura a vítima inocente, que pagaria pelo debordamento de uma obsessiva paixão do falangista, agora submerso no sentimento de prepotência, orgulho e de vingança, quando de posse de alguma forma de poder: um exemplo do ângulo obscuro do ser humano.

Na trama, os falangistas Manuel, Leonardo, Xan e Luis - além de amedrontarem os habitantes da vila, durante a noite, quando efetuavam tiros para o alto e nas árvores - andaram em busca de Gregório para capturá-lo e sempre obtinham de Sara a resposta de que o marido estava em viagem. Fartos das investidas fracassadas, Sara foi sequestrada em 13 de agosto de 1936, na intenção de que Gregório fosse socorrê-la. A mulher foi levada a um lugar afastado, na serra da Touza, em um agosto marcado pela temperatura escaldante que imperava naquele verão, por isso, o calor domina toda a narrativa, aumentando o grau de tortura de Sara, em meio àqueles homens suados, ferozes como lobos à espreita. Durante uma semana, Gregório não apareceu, entretanto, só se comunicava com a mulher imitando o canto da perdiz, andando pelo labirinto da vegetação. Um dia, Luis ouviu um ruído em um local do monte e disparou pensando ser o professor. Manuel, já irado com a situação, pois, Gregório não aparecia, depois de muito torturar moral, física e psicologicamente - até com a ameaça de violá-la - resolveu matar a mulher que ainda amava e que todo tempo chamava pelo marido. Ao final, a vítima foi encontrada ensanguentada e seminua amarrada a uma árvore. O grupo de torturadores se deparou, ao descer do monte, com o corpo de Gregório morto, talvez por acaso, devido aos tiros de aviso disparados por Luis.

No próximo subtítulo, então, com o suporte crítico de alguns estudiosos, faremos a leitura simbólica da obra em tela.

“FOI ALGO INCRIBLE O QUE AQUELES CATRO HOMES FIXERON CON SARA E MAIS CO SEU MARIDO, GREGORIO”

O romance - de enredo linear com princípio, meio e fim - divide-se em duas partes: a primeira, denominada “O cerco”, comporta oito capítulos; a segunda parte reúne quinze capítulos e leva o título de “A execución”.

Assinalamos, porém, que a conclusão é antecipadamente apresentada, pois o subtítulo reproduz o primeiro parágrafo de abertura do primeiro capítulo da obra, e já sugere o medo, o sadismo e a violência perpetuados em civis desprotegidos por personagens falangistas armados.

Nas primeiras linhas de *Agosto do 36*, se buscamos a voz de Mnemosine, ouvimos o narrador nos contar sobre a decisão dos habitantes de Abades que, ao ouvirem os vários disparos vindos das bandas da Touza, decidiram subir até onde estava a presa dos falangistas. Lá no alto da Touza, encontraram-na amarrada a uma árvore, com o corpo despido, ensanguentado e perfurado à bala. Em outro local, mais abaixo, acharam o professor, também atingido e já morto, porém, o detalhe de truculência foi ter seu órgão sexual cortado e enfiado na boca. O narrador se volta, em seguida, ao dia em que todo o horror teve início.

O narrador se apresenta em primeira pessoa do plural e nos confirma seu olhar: “Claro que nós, os veciños de Abades pensamos que xa a pasearan [...]” (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p. 11), ou seja, ele se inclui como testemunha, para lembrar de que

[...] daquel dobre crime, e hai máis de cincuenta anos que ocorreu, nos arrepia o corpo a todos, especialmente ós que fomos testemuñas máis ou menos próximas e directas do mesmo [...]. É algo que nunca puideremos esquecer nin esqueceremos mentres vivemos.

[...] Cando os atopamos - foram os cans os que de seguida deron con eles -, os dous cadáveres estaban cheos de moscas e de formigas [...]. Comezaban a cheirar mal, debido á intensa calor [...] (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p. 11-12)

Esse é o começo do romance, também, a antecipação do que vai ser narrado, e nele se configura a manifestação do que efetiva ou possivelmente se passara como resultado do “paseo” sofrido por Sara, presa nas montanhas da Touza:

Os dois foron asasinados o día 17 de agosto, sobre a media tarde. A aquela hora oíuse un gran tiroteo na . Isto fíxonos pensa-lo peor ós veciños de abades, aínda que álguns non deixabamos de crer que Gregorio - quizais porque así o desexabamos, mesmo sen reparar moito nas consecuencias - por fin se decidira a enfrontar ós asasinados para tratar de libertar a Sara. [...] A angustia amordazábanos. Que estaría a pasar na ? Unha hora despois de iniciarse o tiroteo vimos como os catro falanxistas, coas as mangas das camisas azuis refuxidas e o peito ó aire, baixaban polas laxes [...] cos fusís ó ombro. “Entón démonos conta de que todo rematará, e corremos a pecharnos nas casas e rezar. Era o único que podíamos facer”. (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p.13).

A voz narrante, em um trabalho linear, em que tece a memória do que se passou, faz-nos saber da vida dos antepassados dos professores ao longo de “O cerco” e também dos hábitos de Gregorio e de Sara. O olhar se espria desde a infância até o instante em que Gregorio tivera de fugir e sua mulher seria levada por Manuel - o Garabís. Também sabemos do início da fixação da figura de Sara na psiquê de Manuel. Ouçamos o narrador que sai do “nós coletivo” e nos fala em terceira pessoa:

Os mestres - tiña el trinte anos e ela vinteoito cando pasou o que pasou - coñecíanse de toda a vida, aínda que Sara non nacera en Abades, coma Gregorio, senón na Xestosa. Cando tiña dous ou tres anos os seus pais viñeron para aquí, para Abades, de onde lle era natural a nai e tiñan casa e gran parte dos bens. De nenos sempre sempre andaban xuntos, xuntos estudiaaron a carreira na capital e emparellados seguían cando viñan de vacacións. En realidade, se non noivos, eran moi íntimos. “Ela chegou a dicir unha vez, xa de casada, que sempre estivera namorada de Gregorio. Que nunca gustara outro home. E el, polo menos aquí, nunca andou con outra que non fosse a Sara”.

Con todo, cando remataron os estudos cada un foi polo seu lado, destinados a lugares diferentes. Sara pouco tardou en vir para a escola de As Fontiñas, pero Gregorio veu moito despois. “Aqueles deberon ser moi difíciles tempos para o mozo. Sempre fora moi mimado, tanto el coma a irmã, e iso de quedar orfo de pai e nai en tan pouco tempo debeu doerlle moito”. [...]

Tamén Sara debeu aborrecer ben naqueles anos, sen compañía ningunha (masculina) axeitada para ela. Con todo, trataba de se divertir, que estaba na idade, e ía ás festas e ós bailes [...].

Un dos mozos que máis a acompañaban e bailaban con ela era Manuel, o fillo do Garabís de Santos. [...] Máis de unha moza suspiraba poor el, pero no tocante a Sara ilusionouse máis da conta. Incluso deu en dicir que eran noivos. [...]

Parece que o Garabís, cando ó cabo dun ano de chegar Gregorio os mestres se casaron, sentiuse burlado e tomou a cousa moi a peito. [...]

- Trompáronche a moza, Garabís - dicíanlle a Manuel para amolalo. (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p.27-9).

Chamamos a atención, nas dúas citações anteriores, para o polifónico xogo de vozes de algúns habitantes do lugar (vozes entre aspas, em meio às palavras do narrador-testemunha), que demostran coñecer detalles da vida dos profesores, xuntam as súas lembranzas ás do narrador. Este é un constante recurso de que o autor lanza máis a man, enriquecendo, portanto, ao longo do texto, o polifónico coro de persoas a lastimar o ocorrido e a percorrer as vielas da memoria guardada no grupo.

Em várias passagens, o narrador-testemunha nos faz pressentir, com interferência da voz de um dos aldeões, o que seria a matança do casal; as duas vozes sugerem-nos, dão-nos “rastros”, quanto ao que estava para suceder:

[...] E nisto estalou a guerra e desatáronse os odios e as vinganzas. A todos nos entrou un gran temor e un desacougo no corpo. Que ía pasar? Moitos mozos foron chamados a filas. Axiña comenzaron a chegar aquelas estrañas noticias que falavaban dos “paseos” e dos cárceres.

Unha tarde apareceron en Abades os falanxistas. Era a primeira vez que os viamos. Entraron na taberna a tomar algo e a facer preguntas [...]. [...] sábese que o nome de Gregorio saíu na conversa. Manuel [...], saudou a algúns veciños. Víase máis empoleirado ca nunca, coa súa pistola ó cinto e o fusil ó ombro. Logo, ó marcharen, soltou aquilo que tanto nos preocupou a todos:

- Imos limpar España de herexes e comunistas.

[...] Tamén Sara presentía o cerco dos falanxistas [...]. De noite seguía a durmir na casa dos pais. Era coma a unha pobre pomba engaiolada, temerosa e triste. [...] De cando en vez seguían chegando noticias da guerra, dalgún “paseo” máis ou

menos próximo, ou de homes que prendiam e levaban ó convento de Celanova. “Dicíase que o que alí entraba non saía máis, polo menos con vida. O gran templo convertérase nunha especie de campo de concentración ou de exterminio”.

[...] A xente andaba calada e temerosa, desconfiando uns dos outros, impotentes diante do que estaba sucedendo, ou do que podía suceder en calquera momento. Era algo que se presentía no zunir do vento contra as follas do millo [...]. “Foi entón cando vímola cara da lúa tinxida de sangue. Algo semellante acontecera poucos días antes de estall guerra. Pero nesta ocasión a cousa resultaba máis visible e chamadoira. Non só era a lúa: o ceo todo aparecía vermello, coma a fosse de lume. Aquilo deunos en que pensar”.

[...] - Velaí van os falanxistas. Levan camiño da casa da mestra. [...] E alá ían, ceramente, cara á casa de Sara. Algo malo había pasar. Presentíamolo. [...] pouco despois volveron pasar, de volta, camiño arriba por diante da eira. Levaban a Sara con eles.

- Díganlle a Gregorio que a súa muller está na . Que a vaia buscar alí. E que non tarde moito.

[...] “A calor e a tensión afogábanos. Era insoportable”. (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p.34 e 41-5).

Já na segunda parte, “A execución”, um narrador onisciente em terceira pessoa, apresenta-nos o que se passou, desde o 13 de agosto, quando levaram a professora, até o momento em que a executaram. Evidenciam-se as torturas psicológicas, as insuportáveis exposições ao sol escaldante e as ameaças, ora veladas ora claras, do desejo de Garabís violar Sara e permitir que seus companheiros também o fizessem. As cenas são de momentos passados no lugar em que os falangistas se retiraram para torturar a mestra, onde aguardavam o aparecimento do professor, lugar que somente eles poderiam ter acesso, mas que o narrador onisciente nos revela tudo o que ali se passou. Passemos a esses escabrosos momentos:

- Ese fulano tarda moito en vir - comentou Luís con Manuel [...].

- Ti pensas que o mestre xá é sabedor de que lle temos aquí á muller?

[...] Oíndo os disparos e vendo que somos catro os que gardamos á súa muller... Non será tan burro como para meterse así , sen máis, na boca do lobo.

- Tens razón - dixo o Garabís -. pero temos nas nosas mans algo que vale moito para el e tentará de recuperalo como sexa. non che parece?[...]

- Ten razón Leonardo - comentou Luís mirando para a mestra atada á árbore -. Mentres agardamos podíamos fodela. nonche parece que é unha pena non aproveitármola ocasión? unha muller así! [...].

Manuel botoulle unha ollada de esquello [...].

- Xa vos teño dito que cada cousa ó seu tempo [...].

- pero ti, [...] prometiches. [...] que nos íamos divertir con ela.

- Xa nos divertítemos cando chegue o momento - falou Manuel.

[...] Luís miraba ó Garabís [...].

- Fódea ti primeiro se che apetece [...]. Ben sabemos que che gusta, e a quen non? E mais que foi a túa noiva noutros tempos. [...]

- A ver se calas - faloulle agora Manuel [...].

- Agardades en balde - sentiuse de pronto a voz de Sara [...] - Gregorio non ha de vir. Xa vo lo dixen unha vez e repítolo agora. [...]

- Como sabes que non virá? - preguntou o Garabís.

- [...] Gregorio está lonxe. Seguramente en Portugal. [...]

- Mentos [...].

- Non minto. Estadades perdendo o tempo [...]. De maneira que o que teñades que facer, facédeo xa. Queredes matarme? Pois matádeme. Depois de todo aínda é mellor que me matedes. Con esta calor insoportable [...].

- Non te mataremos aínda. [...]. primeiro queremos ó teu marido. [...] Ademais [...] antes de te matar [...] estes homes [...] querente foder. Nonllelo notas? Non sentes como te miran, como te cheiran o teu corpo igual que os cans á cadela? (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p. 77-80).

Enquanto Sara sofria todo tipo de assédio, a vila estava temerosa do que iría acontecer ou já tivera acontecido. Não se sabia ainda de nada, só se ouviam tiros de advertência, tanto para quem desejasse tentar salvá-la como para chamar a atenção de Gregorio. Assustados, os moradores só saíam das casas para os trabalhos mais importantes e os ecos dos disparos seguiam cada um deles. Pouco falavam, até os jovens se esqueiravam pelos caminhos; a situação de Sara não os deixava dizer nada e o fato de Gregorio não aparecer entremeavam sombras de dúvidas e medo, de impotência. Ninguém se atrevia a

interceder por Sara. Pensaram ir falar com o pai do Garabís, mas ele passava por todos com muita presunção, pelo pretensão poder do filho e o medo que todos tinham do falangista. Diz-nos o narrador ter o pai de Sara visitado o velho Garabís, porém, “Ainda hoxe non se sabe a verdade. O pai da mestra nunca falou diso con niguén. E o Garabís tampouco” (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p.88)

Notícias do que se passava em todo o país contavam que, em Espanha, “morreran varios soldados, e os “paseos” seguían. A última festa que se celebrou foi a de San Cristovo [...] o dez de xullo” (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p.89). Sublinhamos, a seguir, o entrelaçar de vozes de testemunhas que retomam os presságios de alguma tragédia: “Foi mesmamente, a quela noite, cando a xente viña de volta, a primeira vez que apareceu a lúa tinxida de sangue no medio e medio do ceo. Aquilo pareceunos a todos un mal agouro, e mal agoiro veu ser”. É interessante notar que, o narrador que aqui introduz sua voz fala já sobre o que aconteceu, fala do que veio a acontecer.

Não se desanuvia ao longo da narrativa, evidentemente, a consciência de que todos se sentiam prisioneiros, além de estarem possuídos pelo ódio, o medo, por isso, nas casas rezavam para que a Providência intercedesse por todos. A narrativa sublinha a todo momento uma longa sequência de relatos sobre o sadismo, a violência do Garabís. Apesar da tensão acumulada, de todo medo e truculência perpetrados pelo algoz, Sara não cede à força do torturador, não denuncia o paradeiro do marido, que tentava um meio seguro de aproximar-se do lugar em que a mulher era maltratada. Um certo momento, na Touza, uma surpresa:

- Ei Garabís !!!.... [...]
- Quem é? - preguntou o inquerido sen ignorar a quen correspondía aquela voz [...].
- Eu. Gregorio. [...]
- Fala, Xirandón. [...]
- Se deixas libre a Sara, entregareime.
- Como hei saber que te entregarás?
- Te-la miña palabra.
- A túa palabra non me serve.
- E logo que queres?
- Que te entregues ti primeiro.
- E como sei que lle has de dar liberdade depois que me teñas?
- Te-la a miña palabra.
- A túa palabra tampouco me serve a min. [...]
- Non hai trato, respondeu o Garabís [...]

- Así non vai - contestoulle Gregorio [...]. Non quero que me mates.
 - Eu non quero matarte - aclarou Manuel -. O que quero é prenderte e levarte ó tribunal. Que alí te xulquen por roxo .
 - E por herexe.
 - Tamén. [...]
 - Pero temos a túa muller. Ou ti ou ela. Escolle.
 - Se lle fas algo a Sara dáte xa por morto. Ti e mailos outros. seguireivos ata o inferno, se é preciso. Non pararei ata acabar con vós, un por un. Podes estar seguro.
 - Nada poderás facer cando esteas morto - falou Manuel -. Non sairás vivo da . [...] “Fillo de puta - rosnou para si -. Caer has de caer, anque outra cousa non faga na miña vida. Como me chamo Manuel”.
- (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p. 97-9).

Nos últimos capítulos, os pensamentos, o mundo cavernoso de Manuel são descobertos pelo narrador, apanhados da memória e agora a nós contados. Acompanhemos, na voz desse narrador indiscreto, sabedor dos fantasmas do torturador, tudo o que remoía o Garabís. Ele pensava na morte de Gregorio e, principalmente, na vida que não tivera com Sara:

Se o amase a el do mesmo xeito, se fose a súa muller, a súa vida seguramente sería moi distinta. Nin sequera se faría falanxista. andaría co camión e de noite durmiría tranquilamente na súa cama, ó lado dela. Claro que agora tiña nas mans. De feito, Sara era súa. Estaba por inteiro sometida a el, á súa única vontade. Dispuña dela e da súa vida, pois que tiña as armas e tiña o poder. Sen embargo, velaí que a situación chegara xa a un extremo por demais dramático, a un vieiro sen saída posible. Ben sabía el que aquilo non tiña amaño, mirase como o mirase. Despois de viúva el casaría con ela se ela o quixesse. Pero isto era unha quimera, un soño irrealizable, ben que o comprendía. porque el sería o responsable de que ela quedase viúva. El sería o asasino, o executor do seu marido, algo que nunca lle perdoaría anque vivise mil anos. nunca, xa que logo, pasase o que pasase, tería o seu amor. Endexamais, anque tivese o seu corpo. (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p. 126-127).

Ao quinto e último dia, o 17 de agosto, decisivo para Sara, a mulher se preocupava com o marido “Dispararían contra Gregorio? Estaría ferido ou morto entre a matogueira da Touza?” (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2009, p.130). Dali a pouco, em um acesso de fúria, Garabís a mataria. Antes de nos dirigirmos ao desfecho do romance, cujo cume é a execução de Sara, é interessante acrescentar, em leitura comparada de cunho intra-autoral, outra obra de Ferreiro, em que uma mulher do povo é executada, por desconfianças de ser interlocutora entre os antifascistas “fuxidos”, os fugitivos e seus familiares. Trata-se do romance *Os últimos fuxidos*, a que nos referimos na primeira parte do ensaio. A obra sublinha, também, a ambiência de medo, urdida em *Agosto do 36*:

O día que apareceu morta Remedios, a panadeira, houbo unha gran convulsión na freguesía das Fontiñas. [...] Convulsión, desconcerto e temor. Ninguén se podía explicar como aquela pobre muller, tan boa, traballadora e sevicial con todos, algúns deslmados lle puidesen facer dano. É decir - como así foi - asasinala. Apareceu no camiño do muiño con dous disparos no peito e outro na cabeza, sobre unha poza de sangue. O burro que sempre a acompañaba, coas alforxas cheas de pezas de pantrigo e outras mercadorías [...] estaba ó seu lado, inmóbil, mirando para ela coma se agardase que se puxese de pé para proseguir a andaina de todos os días. O que máis chamou a atención dos veciños foi unha nota escrita cun lapis que estaba metida nun peto do seu mandil con este breve, pero acusador texto: “Executada por ser confidente da garda civil e dos falanxistas”. Firmaban: “Os fuxidos”. Aqueles que a coñecían non podían crer que Remedios fose confidente [...] e menos da garda civil e dos falanxistas [...] Por iso, pensaban as xentes, que de ser confidente de alguén o sería dos fuxidos, non dos da camisa azul e do tricornio. (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2004, p.93-94).

Em *Os últimos fuxidos*, polifonia e intertextualidade dão-nos a saber notícias do destino do Garabís, o torturador de *Agosto do 36*, nas vozes também de moradores da vila:

- [...] O Garabís merecía que o matasen por todas as que cometeu ó longo dos anos, como de todos é ben sabido. Remedios non. [...]

- O Garabís tiña que ser executado - seguían a dicir - El matou a moita xente e prendeu a moita máis, non? O Garabís e algún máis, porque os que mataron a Gregorio e a Sara na Touza non foi só o Garabís, aínda que el fora o xefe. (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2004, p.93-7).

Retomamos, agora, em *Agosto do 36*, as últimas horas de vida de Sara, ocasião em que Garabís e seus comparsas fazem um rodízio de um desumano tiro ao alvo no corpo da mulher:

Manuel estaba sentado [...] fumando. [...] De socato, o Garabís púxose en pé. Disparou. A bala foise cravar no tronco, [...] por riba da cabeza da mestra.

- Chama por el - díxolle con voz ameazante -. Chama por el e dille que veña. Se non, tiro a matar. Xurocho. [...]

Pasou o tempo, horas e horas. [...] O Garabís púxose de novo en pé e botou unha ollada cara ós arredores. “Ese fillo de puta tenta rirse de min - pensou -. Pois non o vai conseguir. Xuroo por Deus ou polo demo”. [...] Mirou a Sara con rabia. Xa non estaba disposto a agardar máis. [...] A calor era espantosa. [...] O Garabís achegouse á porta. Encarou o fusil e disparou. A bala foi dar un pouco máis arriba da súa cabeza. A mestra, ó oí-la a detonación tremeu [...]. O Garabís disparou de novo, pero agora á muller. Deulle nun brazo. Volveu logo, e foille dar nunha coxa. O corpo da mestra, inteiramente espido, comenzou a cubrirse de sangue. [...] Os demais falanxistas [...] comenzaron a disparar contra a mestra. O seu corpo non era máis ca unha chaga de sangue. De supeto a mestra comenzou a berrar [...]. Chamaba por Gregorio [...]

- Por fin chama por el - comentou Manuel [...]. Pero non parecía acudir en auxilio [...].

- Xa é tarde - sentenciou Manuel, disparando outra vez contra ela.

Os demais tamén abriran fogo.

- Isto acabouse. (FERNÁNDEZ FERREIRO, 2007, p.136-153).

À guisa de conclusão da leitura de *Agosto do 36*, sublinhamos a importância da literatura em língua galega e o peso do nome de Xosé Fernández Ferreiro no trabalho de exaltar e difundir uma cultura de larga e rica tradição. Resultado de memória conservada no interior de uma população da qual fazia

parte o escritor, *Agosto do 36* é manifestação do forte e cruel constrangimento exercido por um grupo armado de representantes do fascismo em Espanha.

Transformar relatos preservados na memória coletiva e familiar de um grupo, muitas vezes esparsos e, como poderemos saber, até mesmo contraditórios, - devido à distância dos fatos e dos “rastros” -, configura, sem dúvida, tarefa sem par, que nos surpreende no sentido da elaboração literária de ações não conhecidas e no sentido de imaginar cenas não presenciadas pelos aldeões. Apesar de aí estar o ser da criação literária - a invenção - reforçamos que a invenção, a trama e o entrelaçamento de tudo o que se passara na serra da Touza, em Abades - cujas testemunhas foram o grupo de falangistas e a professora assassinada - apontam para a certeza de que o papel e a presença de Fernández Ferreiro marcaram e permanecem como momentos de enaltecimento da literatura da Galiza.

Os diálogos em que dominavam o sadismo, o medo e a violência se estampavam, a narração do mundo introspectivo de algumas personagens - em especial Garabís e Sara - dão ao leitor o sentido do íntimo projeto do autor em levar às populações, ainda fortemente ligadas às tradições galegas, uma língua capaz de representá-las, no que toca à espontaneidade e ao quotidiano, porém, sem lançá-la na vulgaridade.

Por tais distinções inegáveis, mais uma vez concedemos a Xosé Fernández Ferreiro os louros, a importância de sua presença na história contemporânea da literatura, da língua e da cultura galegas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDEZ, Carlos L. (et al.) *Literatura galega século XX*. Vigo: Edicións ANOSATERRA, 2001.

CIORAN, Emile. *O livro das ilusões*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

DOPICO, Montse. Cavar na foxa da memoria: a novela histórica galega como metáfora do presente político. *A Coruña*, Xornal Praza Pública, 26 abr. 2013. Disponível em: <http://praza.gal/cultura/4277/cavar-na-foxa-da-memoria-a-novela-historica-galega-como-metaphora-do-presente-politico/> Acesso em: 22 abr. 2017.

FERNÁNDEZ FERREIRO, Xosé. *Agosto do 36*. 11.ed. Vigo: Edicións Xerais, 2007.

_____. *Os últimos fuxidos*. Vigo: Edicións Xerais, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006.

HOWE, Irving. *A política e o romance*. Trad. Margarida Goldszajn. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

JOLY, Maud. Guerre Civile, violences et mémoires: retour des victimes et des émotions collectives dans la société espagnole contemporaine. *Colloque Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2008. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/36063>. Acesso em: 22 abr. 2017.

KOTHE, Flávio R. (org.). *Walter Benjamin*. Tad. Flavio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF (et al.) *Memória-História*. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

ROJO, Sara. Literaturas da Guerra Civil Espanhola no teatro atual: Díaz e Sinisterra. In: CORNELSEN, E.; BURNS, T. (org.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SÁNCHEZ, Anxo Gómez; ZAS, Mercedes Queixas. *Historia xeral da literatura galega*. Vigo: ANOSATERRA, 2001.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

VARGAS-LLOSA, Mario. 3.ed. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2007.

Data de recebimento: 30 de junho de 2017

Data de aprovação: 7 de dezembro de 2017